

Apreensão de conteúdos diante de enunciados de baixo e alto nível inferencial: um estudo de caso

Wellton da Silva de Fatima¹; Maria do Rosário Roxo²

1. Bolsista PIBIC, Discente do Curso de Letras, ICHS/UFRRJ; 2 Professora do DLC/ICHS/UFRRJ.

Palavras-chave: *alto;baixo;nível;inferencial;aprendizado*

Introdução

O presente trabalho é um dos recortes da pesquisa de iniciação científica em cognição e desenvolvimento metalinguístico que tem, entre outros objetivos, refletir sobre os processos de apreensão de conteúdos no que se refere à linguagem. Pretendemos, nesse sentido, analisar como os alunos da Escola Municipal Pastor Gerson Ferreira Costa do município de Seropédica/RJ se situam nas situações de aprendizado de compreensão de textos com questões de baixo nível inferencial e de alto nível inferencial (APPLEGATE *et al.*, 2002).

Metodologia

A pesquisa utilizou como método a aplicação de questionário para cinco alunos do quinto ano do ensino fundamental e, a partir das respostas dos alunos, procedemos à análise das respostas por eles elaboradas. Depois disso tecemos reflexões acerca da apreensão do conteúdo, da interpretação de enunciados e da compreensão, por parte dos alunos, do comando das questões propostas segundo estudo desenvolvido por Applegate (2002).

Discussão

No que se refere à apreensão do conteúdo na questão de baixo nível inferencial constatamos que a maioria dos alunos participantes da pesquisa conseguiu detectar facilmente as respostas que não se encontravam óbvias no texto. Notamos uma tendência à paráfrase, ou seja, os alunos/leitores tenderam à “tradução” e “repetição indireta” das informações disponíveis no próprio texto. Já em relação à apreensão do conteúdo na questão de alto nível inferencial, constatamos que os alunos atuaram diferentemente ao realizarem a atividade proposta. Diante do problema que era o de associar eventos usando a inferência, os alunos, como aprendizes situados, não relacionaram os conhecimentos prévios, o já existentes de cada um, aos eventos/acontecimentos veiculados ao texto. Isto demonstra que há necessidade de práticas conscientes de ensino de leitura, pressupondo comprometimentos conjuntos na sala de aula, com materiais didáticos que sejam artefatos simbólicos e complexos no trabalho com a linguagem (GERHARDT, 2014). Outro fator que merece atenção é que as ações cognitivas se limitam a práticas de buscar informações explícitas no texto, demonstrando que o aluno é levado a aprender o que está repetido ao localizar informações. Na sala de aula, a subjetividade do aluno se enquadra a uma situação de aprendizado voltada para *não-pensar* ou *não-atuar* como pessoa-aprendiz, com capacidade de engajamento consciente sobre as atividades de compreensão de texto como um nicho cognitivo, como um construtor de conhecimento que se pode explorar de maneiras diferenciadas. Ressaltamos que a cognição e as formas de situatividade do aluno (GERHARDT, 2014) como aprendiz devem orientar as práticas de compreensão de texto para assim serem construídos os significados na língua. Os

textos, entendidos como nichos e artefatos cognitivos, devem ser escolhidos de tal maneira que possibilitem atuação e ações intersubjetivas conscientes, implicadas, portanto, nas experiências e nas singularidades. Por isso, trazemos como proposta de reflexão a atenção que deve ser dispensada às estratégias de aprendizagem e apreensão do conteúdo constatado através dos níveis inferenciais dos enunciados.

Conclusão

Independentemente de tudo, os alunos devem ser motivados a estabelecer associações e a construir significados. Esta é uma condição fundamental para se trabalhar com a linguagem. Na questão de baixo nível inferencial, notamos que a apreensão de conteúdo se deu de maneira não problematizada, indicando o sucesso na interpretação do enunciado e, conseqüentemente, na compreensão do comando da questão. Todavia, na questão de alto nível inferencial, detectamos um problema: o da dificuldade de os alunos, nos seus *selves*, pensarem e agirem a partir de uma proposta de ação cognitiva de natureza inferencial. Isto revela nenhuma vivência em realizar inferências e, conseqüentemente, nenhuma interação entre os universos internos (domínios relacionados aos conhecimentos prévios) e externos (domínios relacionados às experiências culturais).

Referências Bibliográficas

- APPLEGATE, M. D. *et al.* *Levels of thinking required by comprehension questions in informal reading inventories*. *Reading Teacher*, 56(2), 2002
- GERHARDT, A. F. L. M. *Integração conceptual, formação de conceitos e aprendizado*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16 n. 44, p. 247-263, 2010.
- _____. *A cognição distribuída e a pesquisa em ensino de língua*. Rodrigues, M. G.; Alves, M.P.; Fabiano, S. (Orgs.) *Ensino de língua portuguesa: gêneros, textos, leitura e gramática*. Natal: GELNE/UFRN.
- GERHARDT, A. F. L. M.; ALBUQUERQUE, C.; Silva, I. *A cognição situada e o conhecimento prévio em leitura e ensino*. *Ciências & Cognição*, 14 (2), pp. 74-91, 2009.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 102 p., 1992.
- _____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 82p., 1995.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente*. São Paulo: Parábola, 2013.
- MARCUSCHI, L. A. *Compreensão de texto: algumas reflexões*. In: Dionisio, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 48-61, 2001.
- MENEGASSI, R. J. *Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor*. *Revista UNIMAR*, 17, 1, p.85-94, 1995.
- SINHA, Chris. "Pessoas situadas: aprender a ser um aprendiz". In Joan Bliss, Roger Säljö and Paul Light (Eds.) *Learning Sites: Social and Technological Resources for Learning*. Oxford, Pergamon, 1999. Pages 32-48.
- TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.